

O que a literatura infantil nos revela sobre a morte

Sônia Maria Marmitt Zambeli
Gladis Kaercher
Jane Felipe

Resumo

Abordar o tema da morte na educação infantil se constitui em um dos problemas mais difíceis de serem propostos para as crianças, embora existam vários livros na literatura infantil contemporânea que contemplam tais discussões. A morte aparece no cotidiano de nossas crianças quase que corriqueiramente, e nós, adultos, velamos este assunto ao tratar com elas, na tentativa de protegê-las, deixando-as desamparadas e sem compreender o que de fato está acontecendo ao seu redor. Por vezes os adultos usam clichês para falar sobre este assunto. No entanto, a morte também ocorre no contexto escolar, nos meios de comunicação, na vida em geral. Selecionei 12 livros de literatura infantil que abordam este tema para dar suporte aos trabalhos que poderão ser desenvolvidos na educação infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Morte. Literatura infantil.

A morte nas escolas, e principalmente na educação infantil, permanece velada, porque a nossa cultura não a incorpora como um tema possível de ser debatido, que nos remete ao término do ciclo natural da vida.

As pessoas por vezes não entendem que a morte faz parte da vida, sendo esta uma questão humana. Por vezes comparo este tema com um mexilhão, que

necessita ficar velado, preso nas pedras em um lugar de difícil acesso, para que ninguém possa achá-lo ou tocar nele. Então ele fica lá, escondidinho ao máximo nas pedras; quando tentamos retirá-lo, podemos ter cortes terríveis e, com eles, cicatrizes que, quando tocadas, serão lembradas.

Contar histórias sempre foi algo que referendou minhas práticas em sala de aula, pois acredito que contar e ouvir histórias são formas de divertir, emocionar, sensibilizar e auxiliar a organizar os sentimentos como o medo, a tristeza, a alegria, a raiva e a perda, entre outros.

A literatura é uma linguagem e um dos veículos mais poderosos de comunicação com o nosso inconsciente, ajudando-nos a entrar em contato com nosso mundo interior, em que podemos falar conosco, descobrir nossos receios, angústias, etc. Cabe lembrar que a literatura não transforma ninguém e que a mágica acontece quando estamos dispostos a nos transformar.

Muitas vezes trabalhamos estes assuntos apenas em momentos carregados de emoções intensas, a partir de experiências próprias, como a morte de algum parente, de algum colega, ou até mesmo de alguma criança da escola. E é para que não tenhamos que ficar à mercê destas emoções, o que não significa desconsiderá-las ou ignorá-las, que este trabalho se propõe a fazer uma análise de alguns livros de literatura infantil que abordam a morte a fim de contribuir para que possamos pensar e lidar com este assunto e que não o transformemos em tabu. Sabendo-se que a morte é inerente à condição humana e que é tratada de forma particular e exclusiva, de acordo com a época e as culturas vigentes, este trabalho pretende ainda aprofundar a análise da literatura infantil sobre os temas morte, luto e finitude da vida.

O entendimento e o tratamento dispensado ao evento morte estão diretamente relacionados com o momento histórico e cultural dos povos. Phillippe Ariès (2003), um dos primeiros historiadores a estudar a morte, nos fala que a ideia medieval da morte a compreendia como sendo um acontecimento trágico, permeado por medos, e que continua presente no imaginário humano.

Morin (1997) relata que praticamente nenhum grupo arcaico abandona seus mortos sem um ritual, visto que o não abandono implicaria a sobrevivência deles. Os mortos dos povos musterenses eram cobertos por pedras para não se tornarem alimento de animais e para que não conseguissem retornar para o mundo dos vivos, o esqueleto era pintado de cor vermelha e colocado em posição fetal, sugerindo a revitalização do corpo e o renascimento.

No início da Idade Média, a morte adquiriu um sentido mais enfermo. Os doentes, ao pressentirem uma doença incurável, chamavam a família para um ritual de despedida. Nessa mesma época o ser humano mudou sua forma de lidar com a morte e passou a questionar como seria a vida após a morte. No século XIV, o temor da morte se acentuou com as situações que provocaram a morte de pessoas em massa, como as epidemias, cruzadas, inquisição, entre outras. Kovács (2003) relata que os cemitérios ficaram extremamente lotados e que para economizarem espaços, alguns cadáveres foram enterrados apenas com uma parte dos ossos.

Na Idade Moderna, a morte foi vista como algo desagradável: velhos e doentes começaram a ser cuidados em hospitais e isolados de suas famílias. O defunto era direcionado ao necrotério e de lá para o velório. Tais trâmites ocorriam longe do olhar das crianças, que eram enganadas sobre a realidade da morte. Posteriormente, com o avanço da medicina, houve uma grande mudança na representação da morte, que foi se tornando “selvagem”, sugerindo temas de sofrimento, delírios, agonia e luta contra os poderes espirituais (KOVÁCS, 2003). Assim as pessoas se afastavam da morte, os cemitérios eram construídos longe da cidade e o luto tendia a ser silenciado, com rituais que seguiam uma obrigação.

No século XX, a morte é tratada em hospitais, onde os médicos prolongam a vida do paciente com equipamentos que a monitoram, valorizando a assepsia do corpo e, muitas vezes, prolongando também o sofrimento da família e do paciente.

Entender que a morte não é um ponto final, isolado na vida, e reconhecer que o início da vida já é o início da morte, bem como sua aleatoriedade na existência, são algumas das condições de existir que precisam ser trabalhadas com as pessoas em contraposição às ilusões instituídas de uma pretensa imortalidade (CORBUCCI, 2005, p. 112).

Dentro de uma perspectiva de como falar sobre a morte com as crianças e a relação de uma educação para vida que contrapõe a morte e vice-versa, Bessa (1984, p. 16) afirma:

Uma educação (desde criança) para o morrer se impõe a fim de aliviar o homem de seu medo e o apavoramento diante da morte (sua e dos outros). Isso paradoxalmente, para que viva melhor, curtindo a existência no saborear de cada dia, na reali-

dade do hoje, na concretude do aqui e agora, sem sentimentos de perda do ontem ou a desesperança de amanhã. Enfim, que o homem se concilie com a morte que nele vive permanentemente.

A morte não pode ser considerada como improvável, as famílias necessitam passar pelo luto e a criança não pode ser retirada deste contexto, ignorando seus medos, angustias, dúvidas e sofrimentos.

Necessitamos considerar as diferenças de compreensão da realidade mediante diferentes estágios de maturação cognitiva; contudo, a percepção da realidade e do que está ocorrendo no momento é algo tangível aos olhos e ao coração de todos, do mais jovem ao mais idoso. Para as crianças os momentos de expressarem seus sentimentos de dor, tristeza, perda são as atividades como brincadeiras, histórias, jogos, em que elas se manifestam e validam seus sentimentos.

Segundo Torres (1999), as percepções de morte na criança são apresentadas de acordo com fases distintas, que são:

- Fase I (irreversibilidade – até 5 anos): a criança não vê a morte como irreversível, mas como gradual e temporária. Atribui vida e consciência ao morto. Não existe a não vida.
- Fase II (não funcionalidade – 5 a 9 anos): a criança já compreende como irreversível, mas não como inevitável, com tendência a personificar a morte.
- Fase III (universalidade – 9 anos em diante): percebe a morte como uma forma universal e irreversível, atestando que tudo que é vivo morre.

A partir dessas reflexões, podemos investigar como a morte vem sendo representada na literatura infantil contemporânea, já que este assunto se faz presente no nosso cotidiano. Atualmente, assistimos com frequência a morte ser contemplada em eventos televisionados que mostram imagens de verdadeiros horrores, para não dizer ‘genocídio on-line’. Quando a tragédia tem uma dimensão maior a cada intervalo da programação são repassadas imagens da tragédia. A criança contemporânea acostumou-se a presenciar cenas de morte que são ofertadas com abundância em todos os meios de comunicação atual; contudo, pouco trabalho estruturado é desenvolvido envolvendo o assunto morte na educação infantil.

Constatai que há poucos autores que tratam da morte na área da educação, pois a grande maioria do conhecimento científico produzido concentra-se na área da medicina e da psicologia, como se a morte não se fizesse presente no cotidiano de nossas crianças em creches e escolas de educação infantil.

No contexto da profusão de imagens, eventos e circulação desordenada de informações, é papel da educadora infantil ter o olhar aberto e a audição sensível diante do significado do que é a morte. Cabe à professora perceber e acolher as indagações infantis e orientar a criança na vivência do luto e tratamento de seus sentimentos através de histórias infantis que falam da finitude da vida. Estas ações devem ser permanentes e não só desenvolvidas nos momentos do falecimento de alguém próximo à criança, nem nas tragédias que a televisão banaliza a todo instante.

Philippe Ariès, em *História social da criança e da família* (2006), mostra como a morte foi retratada através da iconografia. Segundo o autor, as efígies funerárias do século XVI apareceram nos túmulos dos mestres de Bolonha, representando cenas de sala de aula com os professores no meio de seus alunos. O aparecimento do retrato da criança morta no século XVI também marcou um momento muito importante na história dos sentimentos. Esse retrato seria inicialmente uma efígie funerária. A criança no início não seria representada sozinha, e sim sobre o túmulo de seus pais (ARIÈS, 2006. p. 23).

Nessa época, as crianças morriam em quantidade e as famílias pareciam não se importar muito com o fato, já que era visto como corriqueiro. Aos olhos de hoje, talvez pudéssemos interpretar tal fato como insensibilidade das famílias, porém é preciso pensar que àquela época era muito normal lidar com a morte das crianças, de acordo com as condições demográficas do período. Contudo, o retrato da criança morta mostra que esta mortandade deixou de ser tratada como normal ou banal e que, sim, era uma perda que envolvia sentimentos e uma forma de manter a lembrança da criança que partiu.

Já no século XVII, os retratos com crianças mortas tornaram-se numerosos. Segundo Ariès (2006, p. 25), a criança era representada sozinha, sem a família, ou em grupos, com as inscrições do seu nome e de sua idade. No século XIX, a pintura cedeu o lugar para a fotografia. Assim,

[...] embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém

se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes (ARIÈS, 2006, p. 25).

Só depois deste século é que tiveram início os processos de mudança das condições demográficas e desenvolveram-se a preocupação das famílias com a saúde e outras práticas de higiene e condições sanitárias, como a vacinação contra a varíola.

A evolução do registro da morte pode ser exemplificada nos tempos atuais pela transmissão via internet das cerimônias de cremação em que parentes e amigos podem assistir ao velório e a própria cremação a distância. A transmissão assume *status* de superprodução, com a apresentação de imagens em vida, depoimentos e fatos relevantes da vida de quem morreu e registro das pessoas presentes. Ao final, tudo é gravado e entregue aos familiares do morto, juntamente com a urna contendo seus restos mortais.

Corpus de análise: os livros selecionados

Os livros de literatura infantil escolhidos para compor o *corpus* de análise deste estudo foram resultado do trabalho de garimpo nas bibliotecas das escolas em que trabalho, em sebos da cidade de Porto Alegre, em bibliotecas públicas e com algumas pessoas com as quais estabeleci algum vínculo de amizade ou relação profissional.

Os livros escolhidos foram ‘escovados’ e ‘polidos’ delicadamente. Foi preciso retirar algumas pedras preciosas, como os contos de fadas, os livros de folclore, os livros publicados antes do ano de 2000, os de ciclo da vida (ecológicos), os livros da Disney e algumas outras contribuições trazidas por pessoas interessadas que ficaram de fora após terem sido selecionadas.

Ao contrário do conteúdo científico restrito disponível sobre o tema morte na educação, não pensei que encontraria tantos livros de literatura infantil que abordassem este assunto, tão polêmico e dolorido, que é a morte e a finitude da vida.

Os livros escolhidos foram classificados em quatro categorias de acordo com o modo como abordavam a morte: 1) morte como um vazio: trata do va-

zio como sentimento inexplicável de ausência quando perdemos alguém muito próximo a nós; 2) morte e celebração da vida: histórias que resgatam a intensidade da vida de quem morreu como lembrança de vida, alegria e sabedoria; 3) burlando a morte: artifícios para enganar a morte, subterfúgios para retardar a partida desta passagem pela Terra; 4) memórias: abordam um pouco das mudanças que ocorreram na história, como eram enterradas as pessoas quando éramos pequenos e como isso ocorre agora.

Morte como um vazio

No livro *Esperando mamãe* (2010), o autor Lee Tae-jun procura explicar a falta que nos faz a pessoa que perdemos, o espaço vazio inexplicável deixado por alguém que não volta mais, e que não adianta a espera porque ela não irá retornar. O livro nos deixa sem as respostas. Onde foi parar a despedida? Mas ela vai voltar?

As imagens do livro são claras, em tons pastéis, e a história se passa numa época em que a Coreia estava ocupada pelo Japão Imperial. Uma criança vai até a estação de bondes e espera a chegada de sua mãe. O tempo passa, vários passageiros descem e ela não a encontra em nenhum dos bondes. Chega a noite, a temperatura cai e o nariz da criança fica vermelho. A última imagem do

livro mostra casas cobertas de neve e flocos finos caindo sobre a cidade. Somente através de um olhar muito atento, pode-se ver “o” ou “um” menino subindo as escadas, segurando a mão de uma mulher. Como a imagem é muito confusa e eles estão de costas, este parece ser mais um detalhe da cena.

É um livro surpreendente, pois fala da suposta morte de uma mãe e de uma criança abandonada a sua



Livro *Esperando mamãe*

própria sorte, à espera do reencontro que parece não acontecer. Nesta última imagem, quase como um borrão, enxergamos a criança com sua mãe, porém a ausência de texto explicativo nos remete a várias suposições como a de que, no fim, a mãe voltou para a criança e eles viveram felizes, ou que a criança morreu esperando a mãe e, afinal, os dois se reencontram, ou ainda que a criança, para compensar a dor da ausência, em um delírio reconfortante, visualiza sua mãe ao seu lado, como se nada tivesse acontecido.

Nenhuma das pessoas que conheço havia percebido este **último** detalhe. O autor, até o final, mantém a sensação de morte com toda a certeza, mas na última página do livro, de forma sutil, a morte passa despercebida, pois repete a primeira cena do livro acrescentando a neve.

O livro *Até passarinho passa* (2003), de Bartolomeu Campos de Queirós, tem como cenário uma grande varanda da casa onde um menino morava. Os passarinhos lhe visitavam com frequência e havia um em especial que nunca faltava a estes encontros e que cantava para ele sem pedir nada.

Certa manhã o menino, como que se pressentisse algo, acorda antes do horário de costume, vai até a varanda e encontra o passarinho imóvel. Ele tenta fazer algumas coisas para mudar esta situação, mas o passarinho não se movimenta. Então, ele fala sobre este vazio que foi tomando conta do seu mundo interior:

Meu corpo inteiro se afogava numa tristeza exagerada. Não havia remédio capaz de remediar a sua partida, solucei. Tentei me consolar imaginando um céu com anjos e asas, sem dias e noites. Mas nada abrandava meu luto. Chorei baixinho como se fosse possível esquecer com lágrimas a ausência de um definitivo amor (QUEIRÓS, 2003, p. 26).



Livro *Até passarinho passa*

Depois desta descrição do luto, o menino enterra seu amigo no quintal de sua casa e, no final do dia, quando chega a noite, ele vai dormir se sentindo extremamente só, com a certeza que até o passarinho passa.

As imagens do livro são coloridas, o autor escreve poeticamente tudo que se passa na varanda e, na última imagem, quando o menino vai dormir, somos capturados por uma sensação de solidão que é indescritível, apenas lendo o livro é possível compreender. Talvez algumas pessoas possam achar que esta obra não é apropriada para crianças pequenas, mas é preciso considerar que o tema da morte também está presente no cotidiano delas e deve ser discutido e trabalhado. Fiquei em dúvida sobre seu destino a crianças pequenas, mas, depois de lê-lo várias vezes, acredito que todos merecemos ler e ouvir algo tão singular como esta história, que fala de vida, sossego, sonhos, medos e morte.

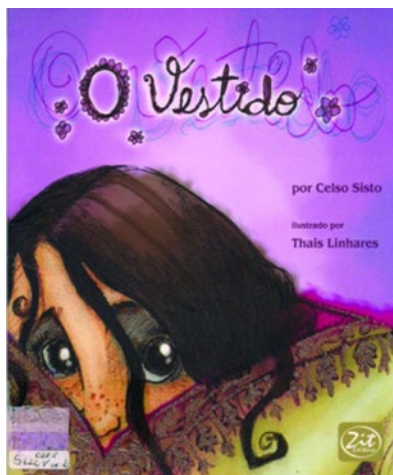
Morte e celebração a vida

No livro *O vestido* (2009), de Celso Sisto, o autor descreve o momento de mexer nos pertences da avó que havia morrido. A neta estava no pátio com algumas recordações da avó quando sua mãe a chama para entrar e ela se depara com a família toda mexendo nas coisas de sua avó. E ela própria diz baixinho: “Ah... era isso!... a divisão!”.

A menina pega uma cadeira, abre o armário, puxa um pacote e, quando vai abrir, chegam suas tias e primas querendo tudo que seus olhos enxergavam. A menina ficou apenas prestando atenção no que ocorria.

De repente, abre o embrulho do seu colo e desvenda a todos um lindo vestido, todo bordado. As lembranças lhe vêm à mente: sua avó e as brincadeiras que faziam juntas usando aquele vestido.

Suas tias e primas iniciam uma discussão sobre a peça de roupa, quando Ludmila consegue sair de seu estado de transe e diz: “Posso ficar com o vestido?”. Nesse momento, todas querem o vestido. Inicia-se uma discussão, até que sua mãe pega o lençol no qual estava enrolado o item e descobrem uma



Livro *O Vestido*

carta em que a avó descreve um pouco de sua história de vida e diz que o vestido pertenceria à sua primeira neta. Há, então, uma discussão novamente para saber qual neta era a mais velha, já que Ludmila e sua prima tinham a mesma idade. No entanto, concluem que Ludmila nasceu em maio e sua prima, em agosto, o que a tornaria mais velha.

A menina espera todos saírem e diz: “Ninguém nunca vai saber que esse era um vestido de princesa, né, vó? Esse vai ser pra sempre o nosso segredo! Eu sei! Não é porque sou a mais velha! Elas nunca foram Cinderela, Rapunzel, Bela ou Pele de Asno, como nós!” (SISTO, 2009, p. x). E se calou, avaliando se deveria tirar ou não o vestido, justo naquele momento em que precisava de força para suportar a ausência da avó.

Sua capa mostra um pouco do rosto de Ludmila, como se ela estivesse colocando o vestido, que é todo bordado com brilhos e em alto relevo. Apesar de tratar da morte e ser uma narrativa longa, o livro é muito colorido, com flores e estrelas, que nos dão a ideia de magia, de sonho e de liberdade. As ilustrações e a escrita estão sempre em sintonia, como na última página, em que a frase e o desenho final nos remetem a esta finitude da vida e a este vazio que fica quando perdemos alguém.

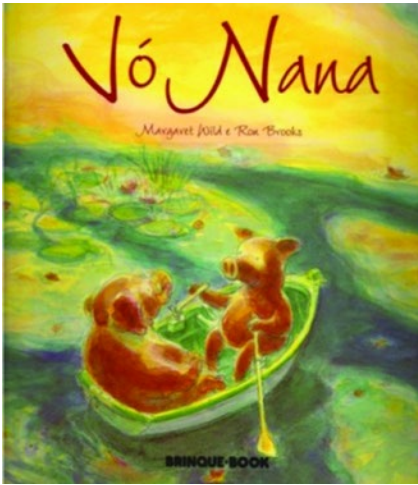
Outro livro poético é *Se um dia eu for embora...* (2008), de Anna Gobel. Escrito em versos, cada página contém apenas uma frase em que a autora descreve o que ela fará quando morrer e como ela poderá ser lembrada.



Livro *Se um dia eu for embora*

As imagens e os textos que contém o livro são magníficas, e as palavras e frases parecem caminhar com os desenhos, criando uma harmonia que leva o leitor a não ter medo do momento da partida.

A autora descreve que, se ela partir (morrer), as pessoas terão a possibilidade de encontrá-la viva em várias coisas do cotidiano e, principalmente, num lugar muito especial: nas lembranças. Como a autora é quem escreve e é ela mesma a ilustradora, é possível perceber uma sintonia e interação entre os desenhos que se complementam; um precisa do outro, um fará falta ao outro. É uma deliciosa maneira de encarar a morte com vida!



Livro *Vó Nana*

No livro *Vó Nana* (2000), a autora Margaret Wild descreve a vida de uma neta e uma avó que moram juntas e que dividem as tarefas corriqueiras, como varrer a casa, tirar o pó, lavar a louça, entre tantas outras coisas. As duas personagens não são humanas, são duas leitoas. Certo dia vovó Nana não se levanta como de costume para o café da manhã. A neta vai ao seu quarto e ela relata estar cansada, toma seu café da manhã, almoço e janta na cama, enquanto a neta dá conta dos afazeres da casa.

Na manhã seguinte a avó acorda, come pouco no café da manhã e relata para sua neta que tem muitos afazeres para serem realizados na cidade. A avó paga todas as suas dívidas, retira dinheiro e dá para a neta, solicitando que gaste com cuidado e a obriga a enxugar suas lágrimas.

Depois relata que quer passear. Solicita à neta que observe tudo que as rodeia, que sinta os perfumes, que veja as cores, que aprecie intensamente a vida. Ao voltar para casa, a neta alimenta a avó e pede para deitar-se com ela. A avó aceita e as duas ficam abraçadinhas até o dia amanhecer.

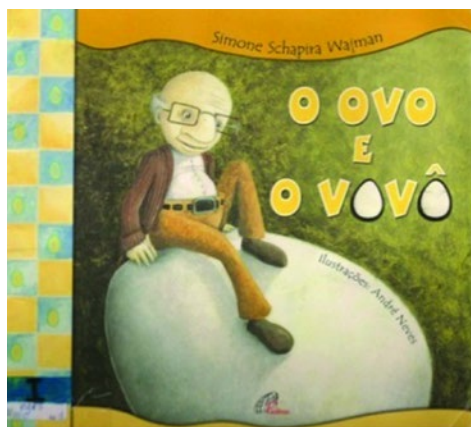
Na última imagem, que não vem acompanhada de texto escrito, a neta está na beira de um lago sozinha, observando tudo aquilo que a avó, no último dia, havia solicitado que ela observasse com cuidado. É como se naquelas imagens estivessem representadas todas as formas de vida de sua avó.

As imagens deste livro são extremamente coloridas, até mesmo na morte da avó. No entanto, quando a avó começa a adoecer, é possível perceber algumas variações de cores para um tom sutilmente mais escuro.

Já no livro *O ovo e o vovô* (2001), escrito por Simone Schapira Wajman, a autora faz uma comparação entre o ovo e o vovô, das coisas que ele ensinou em vida e do quanto ele gostava de brincar com os netos. O avô é representado como uma figura carismática, simpática, que gosta de brincadeiras e aprecia a convivência com os netos.

As figuras são grandes e claras e o ovo aparece em todas as cenas, como pano de fundo ou como representação do real. Os desenhos são enormes, alegres e divertidos. A autora e o ilustrador brincam com a palavra ovo, vovô e a morte.

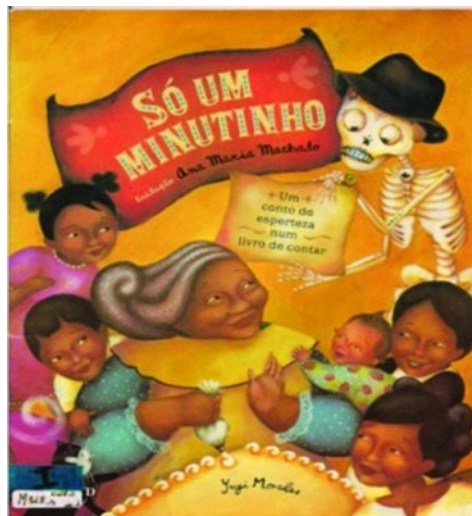
O livro mostra que, apesar de morto, esse avô ainda vive dentro deles, os netos, nas recordações das passagens boas que viveram juntos. No fim do livro as crianças estão brincando, correndo com o ovo na colher, uma brincadeira que o avô lhes ensinou.



Livro *O Ovo e o Vovô*

Burlando a morte

De uma forma muito cômica, o livro *Só um minutinho* (2006), de Yuyi Morales, conta a história de um esqueleto (a morte) que chega à casa de uma avó para levá-la, mas ela solicita à morte que espere um minutinho, pois ela necessita fazer algumas coisas antes de partir. Como é seu aniversário, a avó vai preparando as coisas para a comemoração. Para cada coisa que prepara, ela pede mais um minutinho, até que chegam os netos e ela convida o esqueleto para fazer parte



Livro *Só um minutinho*

da festa. A morte fica muito feliz com o convite, se diverte na festa e vai embora deixando um bilhete, avisando que retornará no próximo ano.

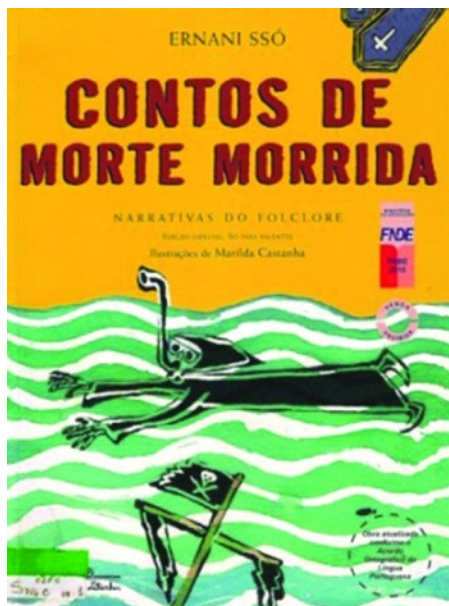
Este livro traz imagens interessantes porque o esqueleto de forma alguma representa ser assustador. Em uma das passagens, ele coloca um avental para auxiliar a avó no preparo das coisas da festa e a fim de que ela conclua seus afazeres o mais breve possível.

Como a história também trabalha com os números de um a dez, há um momento em que o esqueleto conta nos dedos, mais precisamente nos ossinhos, o número de pessoas que sentam à mesa. A história acaba com a avó lendo o bilhete da morte e piscando o olho, como quem diz “enganei a morte!”.

O livro, de origem mexicana, retrata a cultura de lá, com costumes diferentes dos que temos aqui no Brasil, como as *pinhatas*, uma espécie de cumbucas cheias de balas e doces, comuns em festas de aniversário.

No livro *Contos de morte morrida* (2007), de Ernani Ssó, temos ao todo dez histórias que podem ser lidas a cada dia ou uma a cada semana. Todas as histórias possuem um tom humorístico e mostram diversas estratégias de pessoas que tentam enganar a morte. É possível que crianças muito pequenas não entendam determinadas figuras de linguagem um pouco mais elaboradas que aparecem no livro, como, por exemplo, a última frase do conto intitulado *A morte e o escritor*, que diz assim: “Aqui jaz Ernani Ssó, contra vontade”.

Explorar este livro requer um olhar mais atento e direcionado do educador para que ele possa, em alguma medida, facilitar a compreensão das cenas, pois, apesar das figuras serem de cores fortes e chamativas, há muita informação em uma só ilustração. No conto *A morte e o caçador*, por exemplo, há um caçador de quatro com uma montanha atrás dele que parece a continuação de suas costas. Sobre a montanha há lápides com flores enormes e, na mesma cena, porém na página ao lado, está a



Livro *Contos de morte morrida*

morte de pernas para o ar, com seu cajado entre os dentes e presa em uma armadilha de caçador. Assim, a profusão de informações em uma só cena, que conta com desenhos grandes, requer que o pequeno leitor seja orientado e conduzido ao longo da leitura e da imagem para que apreenda o sentido correto da história.

O livro *A velhinha que dava nome às coisas* (1997), de Cynthia Rylant, conta a história de uma senhora idosa que atribuía apelidos e nomes às coisas que a rodeavam. Sua poltrona era Frida, sua cama era Belinha, sua casa era Glória, seu carro era Beto.

A história fala da tristeza da perda (morte) e da necessidade de burlá-la, não se envolvendo com ela, e continuar amando e vivendo de qualquer maneira. Neste livro, esta foi a forma que a velhinha encontrou para burlar a morte: ela nomeava os objetos que transcenderiam sua própria existência; já os que poderiam se decompor antes dela não recebiam um nome, pois já havia perdido muitas pessoas e agora se encontrava só, então não queria se apegar a nada que pudesse morrer antes dela.

Certo dia aparece um cachorro em seu portão, que não tinha nome já que estava enferrujado e provavelmente não duraria muito tempo. Ela dá um pedaço de presunto ao cão, mas não o deixou entrar, alegando que os objetos de sua casa não gostariam daquele animalzinho. Contudo, o cachorro aparece todos os dias em sua casa e, apesar de enxotá-lo, ele só saía quando ela o alimentava. Aos poucos ela se afeiçoa ao cãozinho, mas continua sem lhe dar um nome, pois sabe que ele poderá partir antes dela.

Num certo dia o cãozinho não aparece na casa da velhinha, e ela espera por ele o dia inteiro. No dia seguinte ela sai pela cidade à procura do cachorro, mas não o encontra e volta pra casa desolada. Então, liga para o canil da cidade e o dono do canil pergunta se ele tinha coleira com o nome. Com a impossibilidade de dar tal informação, ela vai até o local e, mais uma vez, o funcionário lhe pergunta qual o nome do cão para tentar encontrá-lo chamando-o pelo



Livro *A Velhinha Que Dava Nome às Coisas*

nome. A velhinha lembrou-se dos amigos que tivera ao longo da vida e de quão sortuda ela era. E foi logo dizendo: “O nome do meu cachorro é Sortudo”. Ao entrar no canil berrando por Sortudo, ele vem imediatamente ao seu encontro. Daquele dia em diante, o cãozinho passou a viver com ela, ensinando-lhe que, se quisermos, nunca estaremos sós, apesar de nossas perdas.

Memórias

Para falar de memórias, Adélia Prado, através do livro *Quando eu era pequena* (2010), descreve toda a sua infância, desde a história do seu nome até as peraltices que fizera quando pequena.

A autora nos passa a ideia de que, para a criança, a morte é algo normal, simples, sem este sentimento de dor. Suas memórias não são deprimentes ou angustiantes. Apesar de ser um livro longo, podemos considerá-lo muito instigante para discutir o tema da morte. As ilustrações trazem riqueza de detalhes, e até as folhas caídas no chão estão impregnadas de sutileza.¹

A história parece se passar em uma cidade do interior: nas casas há hortas, galinhas, um trem que passa ao fundo. O pai usa uma fita preta no braço do paletó, simbolizando o seu luto. O cortejo fúnebre ocorre nas ruelas da cidade, nos fazendo entender que seu velório ocorreu em casa e que depois o defunto foi levado até o cemitério.



Livro *Quando eu era pequena*

¹ As ilustrações foram feitas por Elisabeth Teixeira, que também ilustrou *Até o passarinho passa*, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Em *Vovô foi viajar* (1999), Maurício Veneza nos conta a história de uma menina que sente muita saudade do seu avô e questiona sua família sobre o que aconteceu com ele e por que não vem mais visitá-la. As respostas são sempre de forma evasiva: ele foi viajar de trem, de avião, foi para o céu. Neste contexto ela busca em suas memórias fatos do cotidiano vividos com seu avô e vai formulando a resposta a si mesma, concluindo que seu avô morrerá, mas que necessitava avisar a família que ainda não havia entendido o que ocorrera. Ela conclui a história da seguinte forma:

Alguém precisava dizer pra eles.
Mas tinha mesmo que ser eu?

Levantei da rede, suspirei, tomei coragem. Entrei na sala e fui explicar a eles que, de verdade mesmo, meu avô tinha morrido (VENEZA, 1999, p. 23).

A história toda é muito interessante, as desculpas que as pessoas mais velhas dão para não falar sobre o assunto são superficiais, e a menina, quando liga os fatos, demonstra que a morte é algo muito simples, concluindo que as pessoas com as quais ela convive necessitam saber que o avô morreu. Pode-se notar aqui o quanto o livro retrata uma postura muito comum por parte dos adultos, que temem discutir alguns temas que consideram impróprios para as crianças.

As ilustrações do livro estão interligadas ao assunto, porém há pouca ilustração e muito texto, mas de fácil compreensão.

Outro aspecto que merece atenção é o fato de muitas histórias sobre o tema da morte envolverem pessoas idosas, personificadas nas figuras de avós e avôs, como se somente pessoas de muita idade morressem. Outro livro que traz esse viés é *O guarda-chuva do vovô* (2008), de Carolina Moreyra, contando as memórias de uma menina que vai visitar a casa dos avós. Em uma das visitas, ela percebe que o avô não faz o lanche com a família, permanecendo deitado em sua cama. A menina tem a impressão de que ele parece estar menor. Em outra visita, ao perceber que o avô não se encontra mais em seus aposentos,



Livro *Vovô foi viajar*

ela questiona a avó e o seu pai, porém ninguém lhe responde. Ao final da visita está chovendo e a avó lhe dá o guarda-chuva que era do seu avô; assim ela entende que seu avô morreu.

É um livro econômico quanto ao texto verbal, porém as ilustrações são sugestivas e poéticas, trazendo um ar de nostalgia, mas de forma alguma expressam tristeza. A capa do livro é toda preta e sem qualquer ilustração, o que nos remete à morte ou ao guarda-chuva, que em geral é desta cor. Apesar das memórias que a menina tem do seu avô, que era um velho mal-humorado, as figuras que as representam são alegres.



Livro *O guarda-chuva do vovô*

Considerações finais

As obras analisadas neste trabalho abordam o tema da morte de diferentes formas. Na sua pluralidade de leitura é que conseguimos lidar com um tema tão profundo e tão necessário.

É muito difícil falar das histórias pessoais de luto, por isso a importância de levarmos também para a literatura voltada ao público infantil esses temas, pois, quando se utiliza um personagem, através de uma história de ficção, é possível nos identificarmos com aquela situação e assim minimizar a dor da perda bem como superá-la.

A literatura infantil, nas suas diversas formas, também pode falar de temas delicados, o que não significa bombardear as crianças com este assunto, e sim desenvolver este tema de uma forma natural, que não exclui os sentimentos de luto, de dor e saudade.

Nós, adultos, ainda não sabemos muito bem como trabalhar este tema com as crianças. Muitas vezes não abordamos este assunto para nos proteger, como se a morte não fizesse parte do cotidiano infantil.

Explorar nas obras de literatura contemporânea para crianças a temática da perda ou da morte, do luto é confrontar a criança com a realidade em que muitas vezes está inserida, na elaboração deste sentimento e no enfrentamento destas situações vividas.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BESSA, Halley A. A morte e o morrer. In: D'ASSUMPÇÃO, E. (org.). **A morte e o suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORBUCI, Regina Célia. **Natureza como alteridade: uma relação possível?** Tese (Doutorado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2005.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- GOBEL, Anna. **Se um dia eu for embora...**Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- MORALES, Yuyi. **Só um minutinho**. Porto Alegre: FTD, 2006.
- MOREYRA, Carolina. **O guarda-chuva do vovô**. São Paulo: DCI, 2008.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Até passarinho passa**. São Paulo: Moderna, 2003.
- PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte sobre falar da morte para crianças**. São Paulo: Idéias & Letras, 2011.

- PORTO, Márcia. **Um diálogo entre gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.
- PRADO, Adélia. **Quando eu era pequena**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ROSA, Cristina Maria. **Escrita, leitores e história da leitura**. Pelotas: Ed. UFPel, 2012.
- RYLANT, Cynthia. **A velhinha que dava nome às coisas**. São Paulo: Brinque-Book, 1997.
- SILVA, Elenir Teresinha Garcia. **Memórias do ler**. Porto Alegre: SMED, 2009.
- SILVA, Vera Machado Tieztmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.
- SISTO, Celso. **O vestido**. Rio de Janeiro. Editora Zit Editor, 2009.
- SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida (org.). **Literatura infantil e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SSÓ, Ernani. **Contos de morte morrida: narrativas do folclore**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2007.
- TAE-JUN, Lee. **Esperando mamãe**. São Paulo: Comboio de Corda, 2010.
- TORRES, W. C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- VEZEZA, Maurício. **Vovô foi viajar**. Belo Horizonte: Compor, 1999.
- WAJMAN, Simone Schapira. **O ovo e o vovô**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- WILD, Margaret. **Vó Nana**. São Paulo: Brinque-Book, 2000.